


“Me orgulho muito de ter vivido esse momento, pois todo esse trabalho refletiu diretamente na sociedade e num momento caro para todos nós, brasileiros.”



QUEM AJUDOU A CONSTRUIR A PONTE ENTRE O POVO E A DEMOCRACIA?

JAMES RAYMUNDO MENEZES DE CARVALHO

Foi em frente ao mar que descobri que a hora de despedir-me havia chegado. Antes do meu retorno oficial ao trabalho depois das minhas férias, cheguei a Brasília e entrei na sala do Paulo (Meira), na época diretor da Secretaria de Recursos Humanos, para anunciar a minha saída definitiva. Com a porta trancada, com muita emoção trocamos confidências dos motivos que me levavam a tomar essa decisão. Se há alguns meses eu havia me recusado a aceitar a aposentadoria, agora eu entendia que meu papel ali chegava ao fim. Essa era a despedida de mais de 32 anos trabalhando no Senado Federal. Uma história que agora me faz encher os olhos de lágrimas e o coração de orgulho.



Nessa estrada cheia de desafios, posso dizer que, de alguma forma, ajudei a escrever a história do meu País. Aliás, digo que literalmente a ajudei a se formar. Quando da Constituinte, época em que o Brasil voltava a abraçar a democracia e decidia escrever a sua Constituição, participei da equipe que recebeu a missão de tornar a participação do povo concreta.

Nossa missão quase impossível: construir um sistema para que o povo pudesse participar desse novo tempo em uma época em que mal havia computadores e internet. Não havia melhor forma de retomar a democracia do que com a participação efetiva de seu povo na elaboração da Constituição Federal. Era um desafio e tanto!

Na época, trabalhando na área de tecnologia do Senado (Prodasen), entre poucos computadores e muitos papéis, junto com a equipe envolvida no projeto, pensamos numa solução de como poderíamos, de fato, escutar a voz do povo.

Atualmente, para sugerir algo a um deputado ou senador, qualquer cidadão pode acessar os sites das Casas e dizer o que quer. Naquela época não era assim. Não havia essa possibilidade, tampouco uma população com acesso à internet. Então, como dizer ao povo que queríamos a participação dele?

A TV, claro! Tendo à frente o nosso colega (já falecido) Willian Duppin, fomos à Rede Globo e nos reunimos com grandes dirigentes da maior rede de televisão do País. Foi com a ajuda da TV que avisamos ao povo: “O Congresso Nacional quer ouvi-los e receber suas sugestões”. Criamos um formulário que ficava disponível nas agências de Correios de todas as regiões do Brasil. Lá mesmo as pessoas puderam postar, sem custos, aquilo que acreditavam ser importante para a nova Constituição brasileira.

Foram meses de trabalho, recebendo e redirecionando esses formulários aos parlamentares ou à Mesa Diretora, quando não havia um destinatário especificado. Formamos um grupo com mais de 50 estagiários – alguns deles se tornaram parlamentares décadas depois; eles separavam os cerca de 74 mil documentos e digitalizavam tudo em nosso banco de dados. Depois os parlamentares liam as sugestões. Algumas eram apresentadas, outras não. Mas muitos cidadãos receberam em suas casas cartas desses parlamentares, agradecendo a participação nesse processo. Imaginem isso há mais de três décadas, numa época em que o País ainda tentava se redescobrir na sua democracia. É quase inacreditável!

Orgulho-me muito de ter vivido esse momento, pois todo esse trabalho refletiu diretamente na sociedade e num momento caro para todos nós brasileiros.

Cálculo político

É difícil eleger momentos marcantes que vivi no Senado. Recordo-me em especial, do impeachment do Collor. Na época eu era diretor da antiga DDS do Prodasen, com a missão de atender aos parlamentares e à Casa em suas necessidades tecnológicas, independentemente de partidos ou ideologias. Nós atendíamos a



todos. Sabendo disso, um grupo me procurou: eles queriam, em ple- nos anos 1990, um sistema onde pudessem monitorar a quantidade de parlamentares a favor do impeachment presentes no Plenário e garantir o sucesso do que eles acreditavam. Hoje isso seria facil- mente resolvido, mas estou falando de uma época em que a própria área de tecnologia do Senado, uma das mais modernas do País, ti- nha apenas um laptop disponível.

É importante dizer que nossa missão como servidores do Legislativo é garantir que as Casas caminhem com suas tarefas. Damos suporte para todos, para que tenham à disposição ferramen- tas para o trabalho que desenvolvem. Por isso, criamos um sistema por meio do qual, com a ajuda dos assessores, controlávamos a entrada e saída dos parlamentares do Plenário. Era possível saber se os presentes garantiam ou não o impeachment, ou se deveriam mudar suas estratégias.

Lembro-me de uma noite, na véspera da votação do impe- achment na Casa. Abri o laptop para mostrar o sistema que havia- mos construído ao senador Mauro Benevides (à época presidente do Senado) e ao então deputado Ulysses Guimarães. Eles gostaram e aprovaram. Terminada a apresentação, fui a uma reunião com o Comitê Pró-Impeachment onde, na ocasião, foi levantada, com base na lista de presença dos parlamentares na Câmara dos Deputados, a relação completa dos possíveis votos a favor e contra o impeach- ment. Era quase meia-noite quando saí pelo Anexo 2 do Senado, pe- gando a Via N2, que naquele momento estava deserta. Na rua, ape- nas eu, um laptop e uma lista que mostrava as intenções de votação dos parlamentares na manhã seguinte. Pensei: estou com o possível resultado de um momento histórico literalmente em minhas mãos.

Fui para casa tentar descansar um pouco e bem cedo voltei para o Congresso Nacional naquele dia, que, sabia, seria inesquecível.



O dia de trabalho foi exaustivo. Havíamos conseguido mais alguns laptops para trabalhar, mas na época a bateria mal durava três horas, por isso eu e alguns colegas precisávamos atualizar as votações em tempo real. Era a garantia de que, se uma das máquinas deixasse de funcionar, teríamos outro documento atualizado, como um tipo de

backup. Foi uma experiência única. Nosso trabalho foi um sucesso! O grupo pró-impeachment também conseguiu o que queria.

Depois de semanas de trabalho e um dia especialmente pesado, lembro-me de sair pelos corredores do Congresso Nacional, onde alguns grupos comemoravam, outros reclamavam, mas uma coisa era certa: era a primeira vez que um presidente da República brasileira sofria um impeachment.

Ao lembrar tudo isso e muito mais, só consigo afirmar que quem acha que se trabalha pouco no Congresso Nacional, de fato, não conhece a realidade. Só diz que é um lugar de servidores com privilégios e sem compromisso quem não os conhece de verdade, não conhece a verdadeira história dos que ali trabalham.

Olho para a minha história agora, construída com tanta luta, aprendizado e comprometimento, e me orgulho dela. Tenho um tremendo orgulho. Emociona-me! Tanto que, mesmo depois de aposentado, fui um dos primeiros a permanecer trabalhando no Senado Federal como voluntário, sem nenhum retorno financeiro, só pela vontade de contribuir.

Mas, naquele dia, em frente ao mar daquela que viria a ser minha nova morada, Florianópolis, eu percebi que aquela engrenagem que eu tanto conhecia e gostava tomava agora um ritmo mais acelerado do que o meu. Se ainda pudesse contribuir, o faria a quem precisasse, mas era hora de pendurar as chuteiras e me dedicar a novos aprendizados: melhorar meu inglês, aprender a tocar cavaquinho e ler meus livros sobre a 2ª Guerra Mundial (meu grande e ótimo vício), que me acompanham por onde vou.

Assim como os livros que andam comigo, tenho total consciência de que carrego histórias inimagináveis e o orgulho de ter ajudado a escrever muitas delas.

Naquele dia 1º de fevereiro de 1985, um rapaz de 30 e poucos anos entrava no Senado Federal cheio de esperanças. Agora, no auge dos meus 65 anos, eu ando por aí cheio, mas agora de sonhos realizados — os que havia sonhado e alguns que jamais pensei serem possíveis.



James Raymundo, 65 anos, aposentado do Senado Federal e servidor orgulhoso